Espaço CREMERS

A saúde e o trabalho médico

DR. CLÁUDIO BALDUÍNO SOUTO FRANZEN
Presidente do CREMERS.

27-espaço_cremers.pmd 202 3/7/2009, 11:06

Desde que assumi a Presidência do Cremers pela primeira vez, em 1981, percebo um crescimento gradativo das dificuldades para o exercício da Medicina. Uma situação que assumiu ritmo mais acelerado nos últimos anos e que vem se agravando de modo alarmante. As razões para isso são muitas, a começar pelo fato de que a saúde não é prioridade neste país, a não ser durante as campanhas eleitorais, quando surgem promessas que nunca são cumpridas.

Em decorrência, convivemos com recursos insuficientes para a saúde, mesmo durante a vigência da CPMF e com os recordes de arrecadação de impostos ocorridos no ano passado. O governo fechou 2008 com o recorde histórico de arrecadação: R$ 685 bilhões, mas já começou 2009 promovendo cortes no orçamento da saúde. E os resultados são fechamento de hospitais, redução de leitos, falta de médicos no sistema público de saúde, principalmente de especialistas, baixa remuneração, longas filas nas emergências, consultas e exames que demoram meses para serem realizados, etc.

A partir daí, podemos enumerar uma série de razões que também contribuem para os problemas que os médicos enfrentam hoje no País:

- abertura indiscriminada de faculdades de Medicina. Hoje são 176 em atividade, 75 das quais abertas desde o ano 2000; boa parte desses cursos não têm estrutura adequada para formar bons profissionais;
- incentivo ao ingresso no País de médicos formados no exterior sem revalidação do diploma, conforme estabelece a legislação;
- a ocupação do espaço do médico por outros profissionais da saúde, que conseguiram regulamentar suas atividades e hoje invadem atos antes privativos do médico;
- a falta de regulamentação do ato médico, com uma legislação que defina claramente quais são as prerrogativas da profissão, sem brechas que permitam interpretações dúbias, favorecendo os demais profissionais da saúde na invasão de competências médicas; é fundamental deixar sacramentado que o diagnóstico da doença, a prescrição do tratamento e a supervisão de sua execução são atos indelegáveis do médico;
- a falta de uma política de saúde para distribuição dos profissionais hoje em atividade no País (aproximadamente 330 mil), de modo a proporcionar atendimento médico às populações dos municípios mais distantes dos grandes centros urbanos, mas assegurando ao profissional estrutura adequada para o exercício da medicina;
- a falta de um plano de carreira para os médicos do sistema público de saúde;
- vínculos precários de trabalho, uma situação que se alastra justamente pela falta de investimentos na saúde e de uma política séria para o setor;
- condições de trabalho inadequadas, ou muitas vezes péssimas, com falta de materiais e equipamentos, e, como se não bastasse, excesso de pacientes, sobrecarregando o médico;
- remuneração baixa, o que determina a busca de vários empregos para atingir um salário digno, compatível com a responsabilidade da profissão, mas que acaba dificultando a participação em eventos científicos, qualificação e atualização;
- a não aplicação da Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos no SUS e em vários planos privados de saúde;
- a falta de pediatras na Estratégia de Saúde da Família (ex-PSF);
- falta de vagas nos programas de Residência Médica, com melhor remuneração.

Os pontos citados integram um contexto muito evidente de uma política rasteira de saúde, que tenta reduzir a relevância do médico nos programas de assistência. Na hora da dificuldade, sabemos todos, os mentores e os gestores dessa situação recorrem ao médico, não aos demais profissionais da saúde, embora todos eles tenham sua importância dentro do sistema.

A realidade, triste e revoltante, é que o médico está sendo vitimado por um sistema que não garante as melhores condições de atendimento para a população e de dignidade para os profissionais da saúde, principalmente o médico. Não por acaso, o Cremers recebe reiteradas denúncias de

27-espaço_cremers.pmd 203 3/7/2009, 11:06

pessoas descontentes. São pacientes insatisfeitos e médicos criticando as condições de trabalho, a baixa remuneração, a sobrecarga de trabalho, etc.

Na condição de Ouvidor do Cremers durante um determinado período, vivi ainda mais de perto essa realidade triste, a maneira como a saúde é tratada no Brasil. Mesmo diante das dificuldades, inclusive em alguns casos sofrendo agressões morais e físicas, o médico não desiste, não descura do seu dever de prestar assistência e exercer seu ofício com ética, zelo e dignidade.

Atualmente, vemos médicos trabalhando em estabelecimentos com péssimas condições, ganhando pouco, um aviltamento salarial inaceitável. O médico mal remunerado não consegue comprar livros, participar de congressos, não consegue se atualizar. E isso acaba se refletindo em seu trabalho.

É preciso lutar com todas as forças para que a relação médico-paciente, fundamento sagrado de nossa atividade, seja fortalecida. Mas essa é uma luta que deve ser de todos os médicos, não apenas das entidades, como Cremers, Amrigs e Simers.

Se existe alguma chance de mudarmos esse quadro desolador da saúde pública e do trabalho médico, é com união, é com a participação firme e determinada de todos os médicos e da sociedade.

É preciso fazer prevalecer o artigo 196 da Constituição Federal de 1988:

"A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação".

27-espaço_cremers.pmd 204 3/7/2009, 11:06